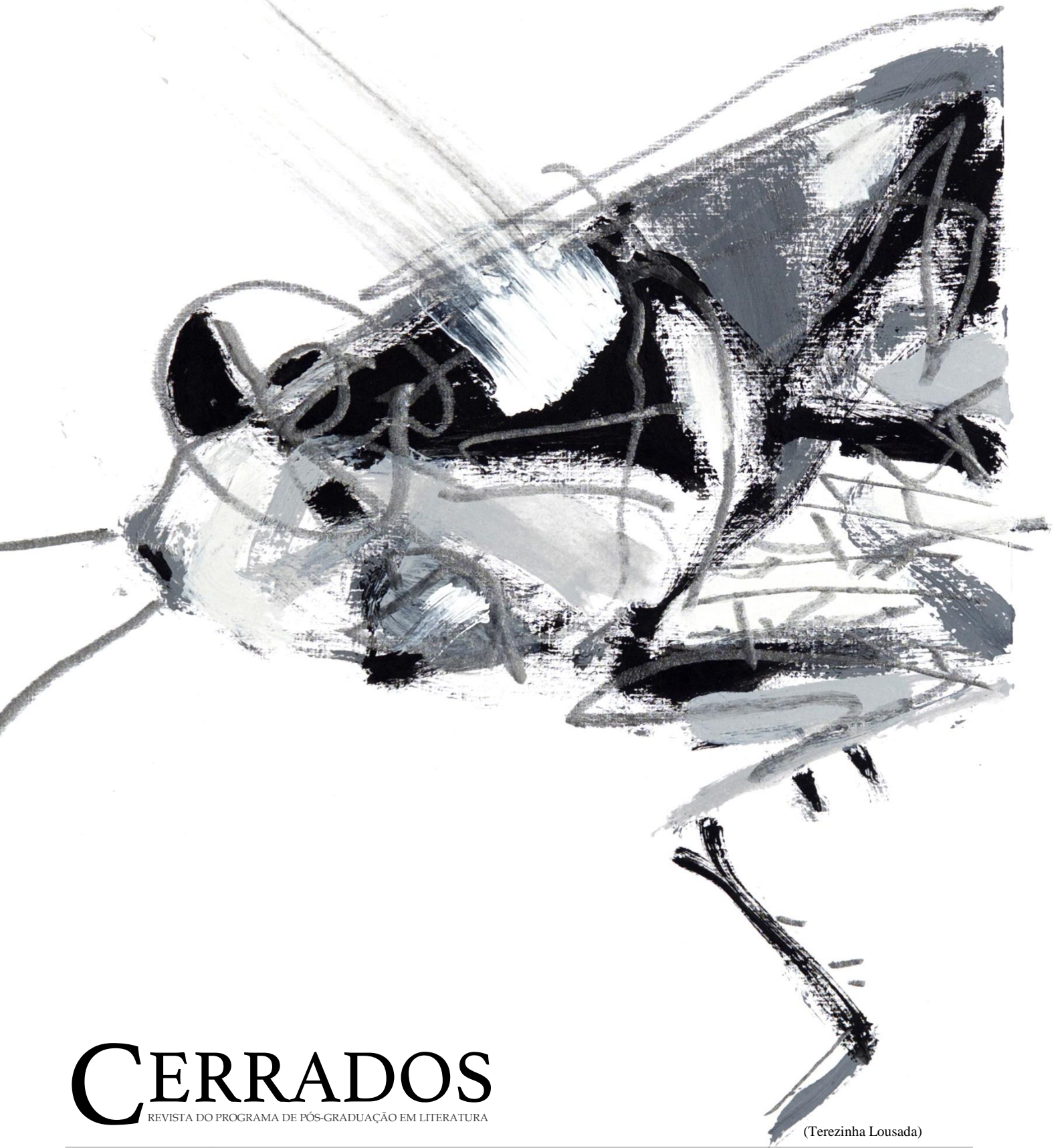


ENTREVISTA



CERRADOS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

(Terezinha Lousada)

Clarice Lispector

100 ANOS

entre outras artes

ENTREVISTA com Nádia Battella Gotlib*

1. ARNALDO FRANCO JÚNIOR:

Considerando a trajetória histórica da obra e da escritora, qual é a dimensão política da literatura de Clarice Lispector?

Durante décadas a literatura de Clarice Lispector teve de carregar o peso de ser considerada hermética, difícil, inatingível por um público mais vasto. Recebeu críticas severas, como a do cartunista Henfil, que, nos terríveis tempos da ditadura militar, lhe concedeu lugar reservado entre escritores então considerados politicamente alienados. Mas o caráter político de sua literatura sempre se manifestou latente e presente, não só de modo explícito como subrepticamente em textos com elaboração imagística mais sofisticada.

Em relação ao primeiro caso, lembro, por exemplo, a primeira crônica publicada no Jornal do Brasil, intitulada “As crianças chatas”: a mãe tenta,

em vão, fazer a criança dormir, mas ela não dorme, porque está com fome e não há nada ali para comerem. E a cronista finaliza seu texto com uma frase contundente: “E eu não aguento a resignação. Ah, como devoro com fome e prazer a revolta”.

É também o caso de “Mineirinho”, uma das melhores crônicas de Clarice, infelizmente não incluída no recente volume *Todas as crônicas*. “Mineirinho” ocupa posição de destaque na sua primeira edição em volume, pois encerra a série de crônicas publicadas em *A legião estrangeira*, de 1964, série que levou o título criativo de “Fundo de gaveta”. Posteriormente essa série de crônicas seria publicada separadamente, no volume intitulado *Para não esquecer*. A crônica, inspirada em notícia de jornal, registra a história do criminoso que, segundo Clarice, é morto pela polícia com vários tiros, sendo que um deles atinge simbolicamente a própria cronista que sente, na carne, o crime cometido pelos policiais.

Com aparato figurativo mais elaborado, a romancista Clarice, em *A paixão segundo G. H.*, também publicado em 1964, conta a história do difícil e encantador enfrentamento da personagem G. H, escultora rica, diante do ‘outro’, entre eles, e num primeiro momento, a mulher pobre, Janair. A personagem G. H., ao conseguir efetivamente enxergar a sua ex-empregada doméstica Janair, até então invisível, consegue também passar pela experiência de igualdade: ela e Janair, ambas mulheres pertencentes à mesma espécie e ambas seres vivos.

Tais textos literariamente bem construídos, sob a forma de crônicas e romance, traduzem respectivamente manifestações políticas contundentes de denúncia e de indignação diante de fatos lamentáveis: a fome, a violência policial e a desigualdade social.

* Possui graduação em Letras pela Universidade de Brasília (1967), mestrado (1971) e doutorado (1977) em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo e livre-docência em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (1993), onde atuou como professora de Literatura Portuguesa (desde 1973), de Literatura Brasileira (de 1979 até 1997, quando se aposentou.). Desenvolveu atividades de pesquisa e ministrou cursos de Graduação e de Pós-Graduação em várias universidades brasileiras e do exterior (Univ. de Oxford, Univ. de Buenos Aires). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira Contemporânea e principalmente nos seguintes temas: conto brasileiro, narrativa de Clarice Lispector, arquivo

pessoal, diários, epistolografia e autobiografia. Atualmente está vinculada, como professor colaborador, ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP. Foi Bolsista Sênior do CNPq até fevereiro de 2017.

Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/6280867236862132>>.

2. RICARDO IANNACE:

Em cursos e palestras oferecidos sobre Clarice Lispector, nos quais sempre se faz necessário o estabelecimento de recortes, que críticos literários você costuma indicar, pautada pelos quesitos originalidade e sensibilidade? Que lugar Benedito Nunes ocupa nesse cenário?

A história da crítica referente à literatura de Clarice Lispector tem vida longa, pois começa logo após a publicação do seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, em dezembro de 1943. Desde então, houve um gradativo aumento de textos publicados tanto no Brasil quanto em outros lugares do mundo. Qualquer tentativa minha de selecionar alguns desses textos há de esbarrar no terrível risco de não destacar os demais. Mesmo assim, me detenho em dois momentos, de diferentes décadas, como ‘amostra’ de uma farta e substancial produção crítica.

O primeiro momento seria o que inclui seus primeiros críticos, que abordaram o primeiro romance, sob a forma de resenhas publicadas em jornais, como Lucio Cardoso, Sérgio Milliet, Lauro Escorel, Antonio Candido. Além da surpresa diante da obra de uma autora até então totalmente desconhecida, e do caráter inovador de sua narrativa, observa-se uma acuidade na apreensão de características que haveriam de perdurar nos textos subsequentes da escritora, como por exemplo, quando se considera que “o seu campo ainda é a alma, são ainda as paixões”, mas sem o objetivo de análise, e sim o de se identificar com o que narra (Antonio Candido), ou a apreensão na sua narrativa de “uma impressão de coisa estranha e agreste” (Lúcio Cardoso).

Nos anos 1950 Clarice lança a primeira reunião de contos, *Alguns contos*, mas em edição pelo então Ministério da Educação e Saúde, que teve, no entanto, pouca divulgação. Além disso, há que considerar que Clarice passa a maior parte da década no exterior – de 1952 a 1959, nos Estados Unidos - e só lançaria novos volumes quando de volta ao Brasil, na década seguinte: *Laços de família*, em 1960; *A maçã no escuro*, em 1961; *A paixão segundo G. H.*, e *A legião estrangeira*, em 1964; e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, em 1969. Portanto, numa só década o público recebe cinco livros - dois de contos e três romances, além de dois livros de literatura infantil: *O mistério do Coelho pensante*, de 1967 e *A mulher que matou os peixes*, de 1967.

E é nessa década que a crítica se expande sobretudo em território acadêmico. No final da década de 1960, em 1969, Luiz Costa Lima lança dois textos importantes sobre Clarice: “A mística ao revés de Clarice Lispector”, inserido no volume *Por que literatura?*; e o capítulo “Clarice Lispector” do volume 5 de *A literatura no Brasil*, organizado por Afrânio Coutinho. E é nesse mesmo ano que é lançado o primeiro livro sobre a escritora pelo piauiense Francisco de Assis de Almeida Brasil.

E em meados da década de 1960 mais um crítico se soma aos demais: Benedito Nunes, que tem papel decisivo não só pela qualidade das suas considerações, mas porque acompanhou a produção ficcional de Clarice Lispector a partir do lançamento do romance *A paixão segundo G. H.* Foi este o romance que ‘fisgou’ o crítico paraense. Logo no ano seguinte ao do lançamento do romance, em 1965, o crítico publica uma série de quatro artigos sobre a obra da escritora no jornal *O Estado de S. Paulo*, em que ressalta, entre outros, o caráter existencialista da obra, que mais tarde o próprio crítico relativizaria.

No ano seguinte, em 1966, é publicado pelo Governo do Amazonas, com divulgação reduzida, o seu primeiro livro sobre o assunto: *O mundo de Clarice Lispector*, matéria a ser incorporada em 1970, com o título de “O mundo imaginário de Clarice Lispector”, ao volume *O dorso do tigre*, que teve boa divulgação, em que o estudo sobre Clarice Lispector figurava ao lado de estudos referentes às obras de João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa e Fernando Pessoa.

Mas é com o pequeno, mas consistente livro *Leitura de Clarice Lispector*, de 1973, que Benedito Nunes desenvolve uma “leitura global” da obra para detectar “o movimento próprio de sua escritura”, ou seja, da escritura de Clarice Lispector ao longo dessas décadas.

E finalmente lança em 1989 o livro que alcançou maior divulgação, *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*, de 1989, em que reúne os textos publicados anteriormente além de dois capítulos inéditos em livros, sobre os dois últimos textos de Clarice - *A hora da estrela* e *Um sopro de vida*.

Na linha da filosofia da linguagem, e considerando-a como um jogo, encontra respaldos teóricos tanto em Heidegger (o caráter ontológico desse jogo), quanto em Kirkegaard (o que a linguagem não pode exprimir). E se por um lado constata a “desescritura” como procedimento

narrativo de Clarice Lispector, que ele chama de “efeito mágico de refluxo da linguagem”, ou “técnica do desgaste”, pela apreensão do indizível, do inenarrável, constata também, já ancorado em Wittgenstein, a sua tendência a atingir o ponto em que a linguagem se desfaz em silêncio.

Dessa forma, penso que o crítico Benedito Nunes sinalizou, desenvolveu e estimulou várias frentes de leitura, deixando um legado sólido e instigante para as futuras gerações de leitores.

3. ARNALDO FRANCO JÚNIOR:

Qual a relação entre o narrador clariciano e a série dupla de contrários invertidos à moda de quiasmos (GOTLIB, 1988, p. 19)? Por que esse dado é importante para compreender o sentido da literatura de Clarice Lispector?

A relação de alteridade, no sentido de se chegar a uma ‘igualdade’ entre os seres, enquanto seres vivos, já não mais simplesmente humanos, pode ser considerada como uma das características da prosa da escritora. Essa trajetória acontece tanto em contos, quanto em romances. Para nos determos num conto, “Amor”, considere-se que a personagem Ana, de repente se encontra na alameda do Jardim Botânico. Algo acontece então quando ela se defronta com as plantas, os animais, como se passasse a fazer parte desse novo universo e sem saber bem como teria acontecido essa passagem - de um ‘eu pessoal’ (que tem identidade social), para um ‘eu impessoal’, um ‘outro de si’, sem noção de tempo, imerso num devir, numa aventura. Como se fosse objeto de uma ‘armadilha secreta’.

Mas esse percurso tem começo, meio e fim. No início, a vida domesticada - da mãe que cuida da casa e dos filhos -, predomina sobre um lado ‘adormecido’ ou ‘reprimido’: o do desejo, da energia juvenil, da liberdade.

Na medida em que a ação se desenvolve, ocorre movimento inverso. A leve inquietação que a narradora reconhece na casa, acentua-se. E por etapas. Quando está no ônibus e com as compras ao colo, o ônibus breca de repente, a sacola com os ovos cai, os ovos se quebram e transpassam as malhas da sacola de tricô. Novo impulso em direção ao desconhecido acontece quando ela obedece ao sinal mudo do cego que, simplesmente por um gesto inusitado de mascar chicletes, funciona como um apelo silencioso que a leva até o Jardim Botânico. Aí então ocorre o clímax desse processo:

o que estava em segundo plano assume o primeiro. Irrompe a desorganização, a loucura, o desequilíbrio, a criatividade, a libertação, o êxtase diante do que vê e sente. Torna-se um ‘mim’ em contraposição ao ‘eu’ anterior. Eis o tesouro da sua própria intimidade.

Se num primeiro movimento a relação é A x b (a Domesticação abafa a libertação), no segundo, a relação será B x a (a Libertação se sobrepõe à domesticação). (Uso maiúsculas para os elementos predominantes). A figura do quiasmo desenha-se, pois, entre dois territórios: casa x Jardim. Entre os dois, há um ponto de intersecção, na passagem de um para outro, no vértice em que duas linhas se encontram, os dois experimentados ao mesmo tempo, figurativamente através do paradoxo. Haverá um terceiro tempo, a volta para casa, para o lar doméstico mas já não mais domesticado, depois da mudança transfiguradora. A mulher descobrira no Jardim um espaço de liberdade que há de acompanhá-la pela vida afora. Não será mais a mesma...

Ricardo Piglia, ao discorrer sobre a teoria do conto, nos alerta para o fato de que há sempre uma história aparente e outra subjacente. Nesse caso específico, melhor seria considerarmos não propriamente duas histórias, mais dois planos de ação concomitantes, num jogo alternado de predominância, em que uma das histórias não aparece propriamente ‘escondida’, mas encontra-se anunciada ao leitor por detalhes, como se fossem pistas ou anúncios de uma situação que o leitor conhece, desde o início, e cuja gradação ele acompanha, ao longo da história, até um clímax.

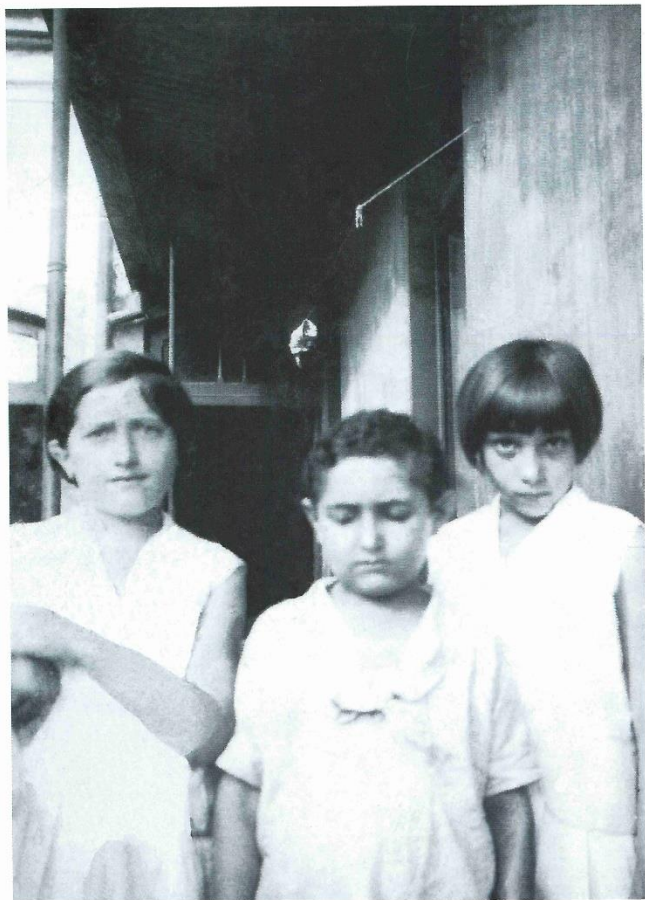
Esse mesmo esquema de quiasmo poderíamos encontrar noutros contos – é o caso de “O búfalo”, ou em romances – *A paixão segundo G. H.*, por exemplo. Duas outras histórias...que, apesar dessa semelhança na intriga, oferecem novas e variadas especificidades figurativas.

4. ANDRÉ LUÍS GOMES:

A Fotobiografia – Clarice Lispector resultou de uma longa pesquisa que você desenvolveu para sua tese de livre docência, posteriormente publicada no livro Clarice, uma vida que se conta. Dentre as fotos, comente, pelo menos, duas ou três que você considere significativas para o entendimento da obra de Clarice Lispector.

Seleciono duas fotos.

Foto 1: Clarice criança, com dois primos, Samuel e Berta, nos fundos do casarão de Recife. Os três voltam-se para a câmera, manuseada provavelmente pela tia Dora, que tanto apoio deu a Clarice após a morte da mãe, ocorrida em 1930. Clarice deve ter cerca de 10 anos. O *punctum* (para usar expressão de Roland Barthes) é o olhar da menina Clarice que, diferentemente do olhar da prima e do primo, olha fixamente para a câmera, sob a franja: seu olhar é direto e profundo:



Comentário: Um dos recursos narrativos usados por Clarice em alguns dos seus textos, sobretudo nos mais densos, é o do foco narrativo voltado diretamente para o seu leitor, de modo a não deixar que esse leitor se lhe escape. Coloca o leitor no lugar da personagem que fixa o ‘outro’ com quem desenvolve uma espécie de enfrentamento, de modo a atingi-lo no âmago e encontrar nesse âmago o núcleo de si mesmo enquanto ser vivo que ama e que odeia. Fisga-o com o seu olhar implacável.

Essa troca de olhares entre personagem (supostamente o leitor) e o outro, acontece, por exemplo, no conto “O búfalo”, no encontro entre a personagem que procura um animal para dar vazão ao seu ódio de

mulher recusada pelo homem que não a deseja. Encontra finalmente o animal ideal, o búfalo, e se transforma numa espécie de mulher-búfala que enfrenta esse outro, até que ocorre o desfecho: relação erótica ou assassinato? Ou os dois num ato só?

Esse mesmo cotejo trágico e irreversível é o que motiva a ação do romance *A paixão segundo G. H.*, quando a personagem, numa das etapas da trajetória, é levada a enfrentar outro animal, a barata, que ela mata e, supostamente, devora, experimentando assim o sumo do que é o ‘ser vivo’, o âmago, em cena também com sugestões eróticas e, nesse caso, sagradas.

Foto 2: Clarice em foto tirada em Berna (Suíça), onde morou de 1946 a 1949, junto a um grupo de diplomatas, em frente à casa do então ministro Mário Moreira da Silva, por ocasião da comemoração das bodas de prata do ministro com sua esposa, dona Noêmia, em 8 de maio de 1948: ali estão seus três filhos e uma filha. E as famílias de amigos diplomatas. Entre essas, o casal Clarice e Maury Gurgel Valente.



Comentário: Todas as 13 pessoas do grupo distribuem-se nos degraus da residência do ministro. Encontram-se perfiladas, olhando, quase todas, para a câmera. Mas há três exceções. Uma delas é a do diplomata Milton Telles Ribeiro, bem à direita, que olha para o seu lado direito. Uma segunda é a do diplomata Maury Gurgel Valente, o marido de Clarice, que tem seu corpo parcialmente escondido e a cabeça virada para a sua esquerda. E a terceira exceção, mais radical, é a de Clarice Lispector, na última fila dos fotografados, quase escapando do campo fotográfico, de quem aparece apenas a cabeça, e ainda por cima, com olhos fechados e olhando para o alto... Eis aí o contraste entre ‘o corpo diplomático’ bem alinhado e a

cabeça da ficcionista Clarice, voando não se sabe por onde...

A foto revela a disparidade entre dois mundos, o da diplomacia, com muitas normas, que Clarice seguia por injunção da carreira do marido; e o seu mundo, o da arte, sem paradeiro fixo, aberto às aventuras livres da criatividade.

5. ARNALDO FRANCO JÚNIOR:

Como as obras de Clarice e Elisa Lispector dialogam? Em que aspectos convergem? Em que aspectos divergem?

E não é que parece haver um DNA criativo nessa família Lispector de três irmãs?

Elisa, onze anos mais velha que Clarice, escreveu 7 romances, 3 livros de contos, 1 livro de memórias.

Clarice escreveu 9 romances, 7 livros de contos (um deles se desdobrou em dois), 4 livros de literatura infantil, além de 2 livros póstumos (um de contos, outro de crônicas) e outros mais com contos e textos vários até então inéditos em livro.

Tania, a irmã do meio, cinco anos mais velha que Clarice, escreveu um livro de contos curtos.

Não menciono aqui as cartas – correspondência entre as irmãs, de que, infelizmente, restaram as escritas por Clarice, e poucas, pelas outras duas irmãs. Nem menciono demais textos jornalísticos, escritos por Elisa e Clarice, nem livros técnicos, escritos pela Tania. O importante a considerar é que as três tiveram passagens pela escrita ficcional, ora de modo mais ora menos profissional, com mais ou menos sucesso na divulgação e na recepção crítica.

Quanto à relação entre Clarice e Elisa, observa-se que as duas se detêm num tema comum: a solidão da mulher. E desenvolvem uma linha narrativa que privilegia o auscultar da intimidade da personagem-mulher, nas suas ações e reações diante do ‘outro’, seja esse outro o homem, o grupo social, o mundo, o universo, a arte. Portanto, as duas perseguem o que seria ‘uma busca do sentido da vida’. E nesse percurso se debruçam em questões não só de ordem social, mas também filosófica, metafísica, psicanalítica. Há trechos de Elisa Lispector que se assemelham e muito aos de Clarice Lispector, assim como há também certos temas desenvolvidos por Elisa que não encontramos na literatura de Clarice: é o caso do ‘mesmismo’ entediado de personagens que se

encontram presos à burocracia do serviço público, que Elisa conhecia bem, como funcionária lotada no Ministério do Trabalho.

Quanto a Tania Kaufmann (nome de casada de Tania Lispector), ela só publica seu livro de breves contos em 2003, quando tinha 88 anos, quatro anos, pois, antes de falecer. Portanto, seu único livro de contos, *O instante da descoberta*, é publicado 26 anos depois da morte de Clarice e 14 anos depois da morte de Elisa.

Complementando: Das três irmãs, Clarice, a caçula, faleceu primeiro: às vésperas de completar 57 anos, em 9 de dezembro de 1977. Elisa faleceu com 78 anos, em 6 de janeiro de 1989. E Tania faleceu por último, com 92 anos, em 15 de novembro de 2007.

6. APARECIDA MARIA NUNES:

A seu ver, o que de fato levou à popularização da ficção de Clarice Lispector?

Houve um processo gradativo de divulgação da obra de Clarice. Nos primeiros tempos, ainda que para um público restrito, a crítica publicada em periódicos garantiu essa primeira divulgação, que foi sucedida pela publicação de livros tendo como assunto a ficção de Clarice Lispector.

Além dos textos de críticos que se dedicaram a publicar textos sobre sua obra na imprensa, e em forma de livros, há que se considerar o papel importante de divulgação da sua obra mediante colaboração sua também na imprensa. Publicou, por exemplo, contos e colunas na revista *Senhor*, fundada em 1959 e muito lida nos anos 1960. E também colaborou escrevendo colunas aos sábados no *Jornal do Brasil*, de 1967 a 1973. Observe-se que também esteve presente nas revistas *Manchete* e *Fatos & Fotos* como entrevistadora de personalidades do mundo da cultura, da política, e de outros setores da sociedade.

Observa-se também que a sucessiva edição de seus livros contribuiu para que o leitor tivesse acesso à obra: primeiramente pela editora A Noite, em cuja agência de notícias a escritora trabalhava, e que publicou o primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, em 1943, e o terceiro, *A cidade sitiada*, em 1949; a editora Agir assumiu a edição do segundo romance, *O lustre*, em 1946. A partir daí, na década de 1960, houve uma série de editoras a publicarem seus romances e contos: a

editora Francisco Alves, a editora do Autor, a editora Sabiá, José Álvaro editor, Artenova, José Olympio, Ática, Nova Fronteira, e depois da morte de Clarice, além de dois títulos publicados ainda pela Nova Fronteira, um pela editora Ática, a editora Rocco assumiu o trabalho de edição da sua obra completa.

Também no exterior a divulgação de Clarice começou de forma modesta, em revistas de cultura, nos anos 1950, nos Estados Unidos, onde publicou dois contos. Mas nessa década seu romance *Perto do coração selvagem* ganhou edição em francês, traduzido por Denise-Teresa Moutoier, que seria seguida por edição em inglês de *A maçã no escuro*, na década seguinte, com tradução do saudoso Gregory Rabassa. Na década seguinte a obra se expande em várias línguas. É quando começa a haver maior divulgação da obra na França, em parte graças ao trabalho criativo de Hélène Cixous, divulgação acelerada graças às edições pela Editions des Femmes, que publicariam inclusive a correspondência de Clarice com as irmãs, com o título de *Mes Chéries*, em 2015.

Considero como marco importante a edição em inglês de centenas de páginas de *A descoberta do mundo*, por Giovanni Pontiero, em 1992.

E costumo lembrar que ganhei de presente um volume em edição de luxo, em caixa de papelão, contendo *Laços de família* e *A paixão Segundo G. H.* em japonês, datada de 1984.

A divulgação se desenvolveu tanto e a tal ponto que, na passagem para o século XXI havia já tradução de sua obra quase completa pelo menos em algumas línguas. Por volta de 2010 a agência Carmen Balcells, responsável pela edição da obra no exterior, registrava traduções em cerca de trinta países, em diversas línguas, como o russo, tcheco, turco, búlgaro, coreano, entre tantas outras.

A edição tanto no Brasil quanto em outros países, de *Todos os contos*, *Todas as crônicas* e *Todas as cartas* (a sair em breve) deve colaborar para a divulgação da obra. Pena que o título tenha a pretensão de reunir ali a totalidade de tais textos em cada volume, o que não acontece com as crônicas (algumas não constam) nem, suponho eu, com as cartas – pois quem pode assegurar que não haverá alguma carta guardada nalgum fundo de gaveta?

7. ANDRÉ LUÍS GOMES:

Na pesquisa que realizei sobre as relações entre Clarice Lispector e o Teatro, observei que a autora aparece como personagem em muitas das adaptações. A que você atribui esse interesse dos adaptadores/encenadores pela personagem Clarice Lispector?

Porque, de fato, personagens apresentam mesmo semelhanças com a própria autora. E essa semelhança foi observada inclusive pelos seus primeiros resenhistas, ao longo da década de 1940. Álvaro Lins, por exemplo, critica a presença marcante da autora no romance *Perto do coração selvagem*, como critica também o lirismo aí patente.

Em parte, a autora favorece tais semelhanças, na medida em que a narradora (uso o feminino para essa função) se aproxima da personagem a ponto de se confundir com ela. Ao leitor, fica a ‘impressão’ dúbia de não poder estabelecer nítidos limites entre dois territórios possíveis – o da criadora e o da personagem criada –, embora seja preciso considerar que ficção é **ficção**.

8. RICARDO IANNACE:

Como você avalia e diferencia a leitura desenvolvida da obra de Clarice Lispector no âmbito científico-acadêmico, no meio jornalístico e, mais recentemente, nas mídias digitais?

No meio acadêmico, é evidente a produção substancial, em número e qualidade, de leituras feitas e divulgadas, tanto sob a forma de dissertações e teses de doutorado, quanto de trabalhos de pesquisa em nível de pós-doutorado. Muitos deles ganham publicação sob a forma de livros. E sob a forma de ensaios e artigos, como é o caso dessa revista, *Cerrados*.

Felizmente alguns textos foram registrados eletronicamente nas últimas décadas, facilitando assim a consulta. Mas a quantidade traz também um outro problema: como ‘dar conta’ de tantos textos? Como avaliar o conteúdo e selecionar os que efetivamente oferecem contribuição efetiva para o assunto em questão a ser desenvolvido por pesquisadores iniciantes? Eis uma questão que os orientadores terão de resolver. Também no campo jornalístico os textos sobre Clarice ganharam sempre espaço, sobretudo nesse

ano em que são celebrados os seus 100 anos de nascimento e apesar da pandemia que nos assola. Se, por um lado, houve profunda alteração de programação prevista para esse ano, por outro lado ocorre também uma adaptação a essa nova circunstância, com aumento enorme de eventos online, como *lives*, entrevistas, diálogos, debates, conferências.

Há que considerar também a divulgação da obra de Clarice por outros veículos, além da obra impressa e da crítica: o teatro, a TV, o cinema, a internet.

9. APARECIDA MARIA NUNES:

No centenário de nascimento de Clarice Lispector, que aspectos você considera fundamentais para a atualização da literatura por ela produzida?

Em primeiro lugar, o respeito pela história das edições de sua obra. Uma iniciativa, nesse sentido, encontro na importante reedição dos romances de Clarice, e, de novo, e após vários anos, com posfácios de leitores vários. Nas últimas décadas o apelo comercial provocou edição de ‘reunião’ ou ‘coletânea’ de textos de Clarice, o que levou o leitor mais jovem a perder a noção do que efetivamente seria livro publicado por Clarice em sua primeira edição. Perdeu-se o fio da história da obra, mediante suas sucessivas edições. Um exemplo: Parte de A descoberta do mundo, com crônicas, não todas, publicadas no Jornal do Brasil e reunidas depois da morte de Clarice, foi publicada com o título de Aprendendo a viver. E houve seleção de contos e de crônicas em vários volumes, selecionados por temas.

Tomara que haja uma reedição de *A legião estrangeira* tal como foi publicada em lindíssima primeira edição, pela editora do Autor e tal como Clarice pode aprovar – ou sugerir? – nessa primeira hora: numa primeira parte, contos; numa segunda parte, com o criativo título de “Fundo de gaveta”, sugerido por Otto Lara Resende, as crônicas, numa série que tem como fecho “Mineirinho”, uma de suas melhores crônicas, como afirmei acima. Quem sabe será possível recuperar a qualidade editorial, gráfica e de conteúdo, desse volume, tal como ele aconteceu nos idos de 1964?

Um segundo aspecto seria o trabalho de esclarecimento do público no sentido de devolver ‘a Clarice verdadeira autora’ dos seus textos, destituída da banalização de que foi e continua

sendo vítima na internet. De fato, o que observamos é que a sua literatura é ali exposta como uma literatura menor, no mau sentido da literatura de ajuda, que prima ora pela alteração de conteúdos, ora pela postagem de textos falsos, que não foram por ela escritos.

Um terceiro aspecto seria o debate público em torno de sua obra, sempre bem-vindo.

10. ANDRÉ LUÍS GOMES:

Eu soube que você participou do processo criativo do filme “A paixão segundo G. H.”, filme de Luiz Fernando Carvalho, protagonizado pela atriz Maria Fernanda Cândido. Como foi sua participação e quais suas impressões sobre o que você presenciou no processo?

O processo de preparação da equipe foi longo e passou por várias fases. Luiz Fernando Carvalho, cineasta competente, com longa experiência e altamente criativo, diretor do filme, era leitor antigo do romance *A paixão segundo G. H.* Afirma ele que quando filmava Lavoura arcaica, a partir do livro com o mesmo título escrito por Raduan Nassar, tinha como leitura de cabeceira esse romance de Clarice, *A paixão segundo G. H.*, porque ali, segundo ele, G. H. dizia o que Ana, personagem de Lavoura arcaica, diria se não tivesse sido sacrificada pelo pai e se tornasse adulta. G. H., sob certo aspecto, trazia uma possível voz de Ana.

No final de 2017, num Galpão criativo montado em São Paulo, iniciou-se o processo de criação do filme. Em maio de 2018, participei das Oficinas Teóricas realizadas neste espaço, em que pesquisadores e professores foram convidados a fazerem palestras sobre o romance, a vida e a obra de Clarice Lispector. Numa etapa seguinte, em agosto, o diretor me convidou para fazermos uma leitura de mesa do romance com sua equipe criativa, incluindo a roteirista, a figurinista e a cenógrafa, e com a protagonista, a atriz Maria Fernanda Cândido. Terminada essa fase, iniciou-se a filmagem em outubro, num apartamento localizado em Copacabana.

Como participei tanto das Oficinas Teóricas quanto da leitura de mesa, pude observar o profundo respeito pelo texto e a maturidade do cineasta, que há tempos, desde o início dos anos 2000, vinha estudando o romance.

Finalmente veio a fase de montagem do filme, que pude acompanhar em algumas das suas etapas.

O processo criativo para transformar o romance em cinema ganhará um livro escrito pela jornalista e roteirista Melina Dalboni. A publicação vai incluir também as palestras das Oficinas Teóricas e imagens do período de preparação.

Um outro volume, com textos críticos de especialistas no campo da literatura e do cinema, organizado por Ilana Feldman, também será oportunamente lançado.

Acho que esse filme, esteticamente louvável, há de se firmar como um marco não só na história do cinema brasileiro, mas também na história da literatura de Clarice, na medida em que o cineasta, mediante recursos técnicos e graças ao seu alto poder de invenção, ‘cria’ um novo modo de se deparar com a experiência dessa personagem, que tão bem traduz a complexidade da nossa condição humana.